

Orelha de abano: quando operar?

Especialistas falam sobre o momento de corrigir cirurgicamente malformação capaz de gerar bullying e traumas na infância

Juliana Ribeiro
juliana.ribeiro@diariodaregiao.com.br

Não são apenas os adultos que têm preocupação com a estética. Quando o assunto é orelha de abano, crianças e adolescentes se sentem incomodados e recorrem aos pais para solucionar o que consideram ser um problema. A orelha proterbante, muitas vezes, é motivo de brincadeiras e gozação na escola, e isso pode gerar algum trauma. No entanto, que

fique claro: antes de recorrer à cirurgia, é preciso que a criança, e não só os pais, entenda o procedimento e como funciona o pós-operatório. “Normalmente, o tratamento cirúrgico das orelhas proeminentes é realizado na criança em fase escolar, principalmente porque, nesse período, podem ocorrer traumas decorrentes de brincadeiras ou mesmo apelidos. No entanto, o procedimento cirúrgico também é muito comum em adultos”, alerta Rubem Botas, cirurgião plástico e membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

Rodrigo Antoniassi, cirurgião plástico e membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, a otoplastia é a cirurgia plástica que corrige as malformações nas orelhas, conhecida como orelha de abano. “A cirurgia corretiva pode melhorar a forma, a posição ou as proporções das orelhas e remodela a cartilagem auricular, para que a orelha se acomode o mais próximo possível do crânio”, diz.



Stock Images

Guilherme Baffi 4/11/2014

Vontade da criança

Estima-se que de 2% a 5% da população mundial tenham orelha de abano, de acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. No último levantamento divulgado, a otoplastia, cirurgia plástica para corrigir a orelha de abano, está entre os dez procedimentos mais realizados no País.

No Brasil, geralmente, a cirurgia é indicada a partir dos 6 anos de idade. Isso porque, nesta idade, a orelha já atingiu aproximadamente 85% do tamanho da orelha do adulto, tendo sua formação praticamente completa. Antes dessa idade, ainda ocorrem alterações significativas no tamanho e formato das orelhas, o que contraindica o procedimento.

“A orelha em abano é

uma deformidade bastante estigmatizante em qualquer idade, gerando uma série de apelidos, sendo muito constrangedor para quem é acometido por ela. Isso pode causar intensos prejuízos psicológicos e sociais para a criança”, explica João Augusto Guimarães, cirurgião plástico e também membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

“Para esses casos, é indicado o tratamento cirúrgico, contanto que seja por vontade própria do paciente. É muito comum a ansiedade dos pais, o que os faz procurar por tratamento mesmo quando a criança não se incomoda com a deformidade e não deseja tratamento. A vontade da criança deve ser respeitada.” (JR)

Kauany Molina, hoje com 18 anos, pediu aos pais para fazer a cirurgia aos 10: “Desde aquele dia, minha autoestima é outra”



Questão de autoestima

Ter orelhas desproporcionais pode causar desconforto desde a infância, na escola, quando colegas inventam apelidos e fazem brincadeiras de mal gosto, incomodando a criança e, dependendo de sua personalidade, fazendo com que fique reclusa e insegura.

“A cirurgia pode desabrochar uma pessoa antes tímida, fechada em alguém mais expansiva, segura, aumentando sua autoestima, deixando-a mais confiante”, diz Cristiane Alves Lorga, psicóloga, especialista em intervenção familiar. “Quando nos sentimos bem, nos comportamos bem, assim, essa correção pode proporcionar mais segurança, felicidade à pessoa, melho-

rando sua qualidade de vida, como se a libertasse para as coisas boas da vida, como se transformasse o patinho feio em cisne negro”, completa.

Com ela concorda o cirurgião Rodrigo Antoniassi. Segundo ele, a cirurgia para correção de orelha de abano está ligada diretamente ao grau de felicidade e bem-estar na vida adulta. “O procedimento é uma forma de aliviar o estresse e a ansiedade na maioria das crianças com orelhas grandes e proeminentes. Não se trata apenas de uma cirurgia plástica por vaidade, mas reparadora, que faz com que a pessoa leve uma vida livre de preconceito e constrangimentos”, diz. (JR)

Cirurgia é a única opção?

Para o cirurgião João Augusto Guimarães, existem alguns relatos na literatura de algumas formas de “moldes” ou “bandagens” que poderiam ser realizadas logo após o nascimento da criança e mantidos por um determinado período de tempo, no intuito de corrigir a deformidade. “Porém, o único método consagrado é a cirurgia, que é capaz de corrigir definitivamente a deformidade”, alerta.

Apesar da maioria dos pacientes com o problema ser criança, a queixa dos pais não é suficiente para indicar o tratamento.

A estudante administrativa Kauany Molina, hoje com 18 anos, conta que pediu aos pais para fazer a cirurgia quando tinha 10 anos. “Não sofria preconceito na escola, mas era algo que me incomodava muito. Conversei com os meus pais e fomos procurar um médico, que realizou a cirurgia. Desde aquela época eu passei a me sentir mais feliz. Minha autoestima é outra. Alguns anos depois minha irmã mais nova também operou”, conta.

Segundo o cirurgião Rodrigo Antoniassi, por ser uma cartilagem, a orelha tem a tendência de retornar ao formato que tinha antes. Mas após a cirurgia, devem ser tomados alguns cuidados.

“É necessário utilizar uma venda durante uma semana e, posteriormente, uma fita elástica por mais dois meses. O ideal é tomar cuidado ao dormir, para não alterar a nova forma, principalmente em crianças pequenas, que se movem e brincam muito. O resultado definitivo é perceptível depois de dois ou três meses.” (JR)